

Oscilações do “espontâneo” na poesia de Álvares de Azevedo

Andréa Sirihal Werkema
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Para o amigo Emílio, crítico,
“o que à tragédia deu número,
à vertigem, geometria,
decimais à emoção
e ao susto, peso e medida”.

Resumo: A noção de espontaneidade é problemática na poesia romântica: busca-se a sinceridade poética, mas não há como negar a artificialidade inerente a toda escrita. Observar as oscilações entre registros retóricos exagerados e outros mais próximos do natural em um poema de Álvares de Azevedo é o que propõe esse rápido ensaio.

Palavras-chave: Poesia lírica, Espontaneidade, Álvares de Azevedo.

Em sua obra de referência obrigatória para os estudos românticos, *O espelho e a lâmpada*, aliás só recentemente traduzida no Brasil, Meyer Howard Abrams cita, logo ao início de sua conceituação sobre as teorias expressivas da criação literária, uma definição do poeta Wordsworth: “Poesia é o transbordamento espontâneo de sentimentos intensos”¹. É interessante que

1. ABRAMS. *O espelho e a lâmpada*, p. 41.

nesse momento de seu texto, Abrams não cite também a complementação que o romântico inglês dá à sua famosa definição, na segunda vez em que a utiliza:

Eu disse que a poesia é o transbordar espontâneo de poderosos sentimentos; ela tem origem na emoção rememorada em tranquilidade: contempla-se a emoção até que, por uma espécie de reação, a tranquilidade gradualmente desaparece, e certa emoção, congênera àquela que antes fora submetida a contemplação, gradualmente se produz e efetivamente passa a existir no espírito.²

Essa descrição do processo da criação poética sintetiza, de forma admirável, espontaneidade e reflexão, que seriam indissociáveis da maneira romântica de fazer poesia. A primeira citação, no entanto, pode nos encaminhar para uma conclusão errônea se tomarmos a poesia como mero “transbordamento, expressão ou projeção do pensamento e dos sentimentos do poeta”³ – e a simplificação sempre ameaçou a compreensão crítica das teorias românticas. Devemos ter em mente as implicações de uma teoria expressiva da criação poética, que desloca da obra para o seu criador o centro irradiador da produção e do juízo artístico. A conclusão a que o próprio Abrams chega é bastante esclarecedora: “uma obra de arte é essencialmente o interior transformado em exterior, o resultado de um processo criativo que opera sob o impulso do sentimento e incorpora o produto combinado das percepções, pensamentos e sentimentos do poeta.”⁴

Eu gostaria de tentar examinar as oscilações da pretensa espontaneidade poética na produção de Álvares de Azevedo, evitando, de um lado, o estereótipo da pura expressão “sincera” dos sentimentos do autor, mas admitindo, de outro lado, a presença dos mesmos sentimentos como parte da reflexão sobre as formas e meios da poesia. Na abertura da Primeira Parte de sua *Lira dos vinte anos*, o poeta veste a roupagem do lírico infeliz, em exercício da *captatio benevolentiae* casada ao genuíno desapontamento romântico com o produto da criação: “São os primeiros Cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. (...) Cantos espontâneos do coração, vibrações doridas da lira interna que agitara um sonho, notas que o vento levou, – como isso dou a lume essas harmonias. São

2. WORDSWORTH. Prefácio [à segunda edição das *Baladas líricas*], p. 76.

3. ABRAMS. *O espelho e a lâmpada*, p. 41.

4. ABRAMS. *O espelho e a lâmpada*, p. 41-42.

as páginas despedaçadas de um livro não lido...”⁵ Claro está que tal postura era esperada de um poeta do tempo; e a afetação exagerada ajusta-se perfeitamente ao tom oposto que será encontrado à abertura da Segunda Parte da *Lira*, no conhecido Prefácio que instaura a outra face da medalha. É sintomático, no entanto, que a postura de “acadêmico romântico” de Álvares de Azevedo tenha sido levada tão ao pé da letra, como podemos ler no depoimento de seu primo e editor, Domingos Jaci Monteiro, que o conheceu tão bem em vida:

Defeitos tem-nos ele por certo, mas inteiramente provenientes da sofreguidão com que escrevia, do pouco tempo que teve para limar e polir o que lhe saíra da frente escaldada – nessas noites de delírio e de vigílias. Há somente a natureza, somente o lampejo fulgurante do gênio; aquilo que a arte podia fazer, o que competia à reflexão – não lhe deu tempo a voz do arcanjo do extermínio.⁶

Mesmo o léxico escolhido por Monteiro repete trechos de poemas e cartas de seu primo Azevedo – reconhece-se facilmente a dicção do poeta na descrição de um processo de escrita febril, delirante, insone. A falta de tempo, esse limite intransponível, a morte, serve aqui como justificativa última para o desalinho da poesia de Álvares de Azevedo: ele não pôde refletir sobre seus escritos. No Prefácio azevediano, por motivos óbvios, não se evoca ainda a morte como responsável pela espontaneidade e possível falência do que se vai ler, mas sim a juventude, a estreia nas letras, e mesmo um conceito de poesia. O lugar-comum que se compartilha entre autor e leitor separa, portanto, a circunstância da escrita de um posterior processo de melhoria do texto, âmbito da reflexão e do cuidado.

Esse indício deve ser olhado com atenção: ele está no centro de antiga discussão, da qual faz parte o curtíssimo mas interessante texto de Fausto Cunha, “Álvares de Azevedo ou a contradição criadora”⁷. O crítico observava em Azevedo uma postura bipartida e paradoxal em aparência: a afetação de um processo espontâneo de escrita, que resultaria em poesia programaticamente imperfeita, conviveria com a total ausência de complacência crítica ante os versos

5. AZEVEDO. *Poesias completas*, p. 49.

6. AZEVEDO. *Obra completa*, p. 23.

7. CUNHA. *O Romantismo no Brasil*, p. 113-117.

desalinhados de seus ídolos e modelos, Byron e Musset. A comprovação estaria tanto na famosa oitava do “Poema do Frade”:

Frouxo o verso talvez, pálida a rima
Por estes meus delírios cambeteia,
Porém odeio o pó que deixa a lima
E o tedioso emendar que gela a veia!
Quanto a mim é o fogo quem anima
De uma estância o calor: quando formei-a
Se a estátua não saiu como pretendo:
Quebro-a – mas nunca seu metal emendo.⁸

quanto na condenação dos desvios formais da poesia dos mestres: “Quando a liberdade poética bastardeia em licença e desregramento, somos daqueles que a reprovam (...)”⁹. Ou, como diz o próprio Fausto Cunha: “metade permanecia fiel à matriz Byron-Musset e metade proclamava sua autonomia crítica. Isto é: metade o acadêmico romântico e metade Álvares de Azevedo.”¹⁰

Se o casamento entre a projeção dos estados emocionais e a duração de uma contemplação dos mesmos estados se dá no mesmo instante, uma bipartição entre criador espontaneísta e crítico severo seria redundante. No poeta já estão internalizadas expressão e reflexão. Os versos de pé quebrado do poema imperfeito, ou romântico, em termos apropriados, já são, em seu desalinho, produtos desse duplo procedimento que se dá dentro de uma mesma subjetividade – e foram criados para exibir sua precariedade. Daí que o trabalho artesanal de emendar e melhorar seus poemas, rotina obrigatória de todo poeta, não entra em atrito de maneira alguma com o processo que deu origem ao texto poético. Uma teoria expressiva da criação poética, se oposta, por exemplo, a uma teoria mimética, tem como característica fundamental o deslocamento do núcleo de importância da obra poética para o poeta, como já foi dito: no poeta está também o instrumental para o julgamento da obra, ou crítica. E crítica, no sentido romântico do termo, se faz sempre de dentro para fora: ela é determinada por cada obra de arte, individualmente.

8. AZEVEDO. *Poesias completas*, p. 312.

9. AZEVEDO. *Obra completa*, p. 687.

10. CUNHA. *O Romantismo no Brasil*, p. 117.

Tudo indica que eu estaria me encaminhando para uma discussão sobre formas e gêneros românticos; mas eu gostaria de mudar de raia, sem mudar de pista. Pois sei que não é possível evitar por completo uma discussão formal – mas não é bem disso que eu queria falar. Sim, as principais teorias românticas de criação poética tocam sempre na tensão entre a forma-de-exposição da obra, para usar um termo benjaminiano¹¹, e o impulso criador, ou seja, o cerne da poesia, o dado autoral que prepondera sobre tudo na arte romântica: a expressão do Eu. Mas a busca por momentos espontâneos na obra poética de Álvares de Azevedo tangenciaria essa questão na medida em que uma expressão sincera e direta do sentimento do autor, se fosse de alguma maneira possível, implicaria uma linguagem que traduzisse a correlata emoção de forma natural e condizente. Voltemos por um momento às formulações teóricas de William Wordsworth.

Abrams já sistematizou para nós o pensamento do poeta naquilo que ele chama de “proposições a respeito da natureza e dos critérios da poesia que foram amplamente adotados por contemporâneos de Wordsworth”¹². Dentre as sete proposições eu cito duas que aqui me interessam de perto. A primeira delas diz: “A poesia está qualificada para exprimir emoções, principalmente porque ela recorre a figuras de linguagem e ritmo, por meio dos quais as palavras, de maneira natural, incorporam e transmitem os sentimentos do poeta.”¹³ Já a segunda proposição complementa: “É essencial para a poesia que sua linguagem seja a expressão espontânea e genuína – não elaborada e simulada – do estado emocional do poeta.”¹⁴

Uma linguagem que não seja elaborada e simulada, mas que possa recorrer a figuras de linguagem e ritmo: eis a essência da poesia romântica, que se queria natural em oposição à convenção e à impostação do Setecentos. A naturalidade viria de uma escolha criteriosa de metáforas e figuras apropriadas aos sentimentos que se expressam no poema, segundo Wordsworth – não há impedimentos para o uso de uma linguagem propriamente poética. Mas o que caracteriza afinal a linguagem poética, caberia aqui perguntar. Nas formulações

11. “A forma determinada da obra singular, que se poderia designar como a forma-de-exposição”. BENJAMIN. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*, p. 92-93.

12. ABRAMS. *O espelho e a lâmpada*, p. 144.

13. ABRAMS. *O espelho e a lâmpada*, p. 145.

14. ABRAMS. *O espelho e a lâmpada*, p. 145.

de Wordsworth temos um problema a contornar, já que essa linguagem está inteiramente subordinada aos sentimentos de seu criador – e a proposta de solução que o poeta oferece repousa sobre a “naturalidade”, o que, em termos românticos, é conceito no mínimo problemático.

Voltando a Álvares de Azevedo (e evitando dar uma resposta à pergunta que coloquei no parágrafo anterior), encontro em um artigo publicado em 1998, de Marlene de Castro Correia, algumas observações interessantes sobre o que ela chama de uma contraposição frequente de padrões discursivos na poesia de Azevedo, que junto a versos de “empostação impactante” incorre num tipo de frase “virtualmente dizível por qualquer falante”¹⁵. A aparente falta de elaboração de certos versos azevedianos aproxima-os de um discurso oral marcado pela espontaneidade em oposição à literariedade da escrita poética. Essa oposição, internalizada na poesia de Álvares de Azevedo, me parece, é claro, mais uma das formas da dualidade que marca não só o texto literário como o próprio pensamento do autor sobre a literatura, o que se verifica na leitura de seus textos críticos. E uma oscilação entre versos, ou registros emocionais, para nos mantermos fiéis às teorias que vimos visitando, talvez seja uma forma bem elaborada, realmente sofisticada, de criar o efeito de naturalidade pretendido pela poesia romântica.

Como é comum no julgamento de nossos poetas românticos, a própria autora de um artigo tão fértil em observações valiosas sobre a obra de Álvares de Azevedo incorre em um juízo negativo acerca dessa oscilação – ressaltando, como tem feito a crítica mais recente sobre o autor, o seu belo poema “Ideias íntimas”:

Não se pretende negar que parte da obra do poeta peca por excesso de pretensão e literatice, formas em que se manifesta o ingênuo, ou por espontaneidade demasiada, sem a dose necessária de reelaboração poética da experiência vital. Nos seus melhores poemas, no entanto – e entre eles “Ideias íntimas” ocupa o primeiro plano –, surpreende a sua maturidade artística.¹⁶

15. CORREIA. A poesia de Álvares de Azevedo: o drama na cena do cotidiano, p. 322.

16. CORREIA. A poesia de Álvares de Azevedo: o drama na cena do cotidiano, p. 318.

A indicação, feita no mesmo artigo, de versos pouco elaborados – espontâneos – que, em meio ao texto poético, causam um efeito de estranhamento e de imprevisibilidade, e que se casam aos versos “pretensiosos” do ultrarromântico brasileiro, numa harmonia assimétrica marcante em toda a sua poesia, desautorizaria tal apreciação negativa. Por outro lado, é o tom desequilibrado que dá à poesia de Álvares de Azevedo o foro de precursora de certas vertentes da poesia modernista no Brasil, quiçá de nossa poesia contemporânea; aproveitemos a sugestão para nos aproximarmos também do poema “Ideias íntimas”.

Sem citá-lo na íntegra, por limitação de espaço, relembro que o poema, relativamente longo, com seus 14 fragmentos ou estâncias irregulares, traça um percurso instável de subidas e descidas do tom emocional, que vai desde a *nonchalance* melancólica daquele que descreve sua inatividade até o lamento pungente – e logo reprimido – frente à constatação da solidão aos vinte anos de idade. Alguns desses fragmentos apresentam, dentro de si mesmos, um gráfico irregular de versos, que sobem e descem de tom em alta velocidade, registrando a turbulência emocional do sujeito poético. Misturam-se os clichês de estados alterados do Romantismo a passagens patéticas, em que a voz do poema se reconhece, digamos, ridícula, inapropriada, e mesmo inconveniente em sua mistura de lamúria e falta de pudor. Eu cito:

VIII

O pobre leito meu desfeito ainda
A febre aponta da noturna insônia.
Aqui lânguido a noite debati-me
Em vãos delírios anelando um beijo...
E a donzela ideal nos róseos lábios,
No doce berço do moreno seio
Minha vida embalou estremecendo...
Foram sonhos contudo. A minha vida
Se esgota em ilusões. E quando a fada
Que diviniza meu pensar ardente
Um instante em seus braços me descansa
E roça a medo em meus ardentes lábios
Um beijo que de amor me turva os olhos,
Me ateia o sangue, me enlanguesce a fronte,
Um espírito negro me desperta,

O encanto do meu sonho se evapora
E das nuvens de nácar da ventura
Rolo tremendo à solidão da vida!¹⁷

A febre, a insônia, o delírio – a donzela ideal, o beijo e o seio moreno – e enfim a queda na constatação do sonho e da pura ilusão, o que não evita, mesmo assim, uma nova subida de tom em direção à imagem da fada, dos ardentes lábios, do sangue incendiado e dos olhos turvos de desejo, que só precipita uma nova queda dolorosa na solidão da vida. No entanto, é a estranha tranquilidade de versos como: “Foram sonhos contudo. A minha vida / Se esgota em ilusões”, que me espanta em meio a tanto tumulto de emoções e desejo sexual. Sua simplicidade, a ausência das chamadas figuras de estilo, a mera constatação da precariedade emocional e mesmo material de uma vida de jovem poeta – soam, a meus ouvidos anacrônicos, como um canal para a imediata compreensão ou transmissão de um estado emocional via criação poética. Seria essa a naturalidade almejada pela teoria romântica de Wordsworth?

A marca de sua inegável artificialidade, contudo, é a sua inserção no lugar certo, na hora certa do poema. Esse desenho gráfico a que me referia não é nunca acidental em poema tão acertado quanto “Ideias íntimas”, sobre o qual já havia dito Marlene Correia: “nele nada é singelo, e se em alguns momentos produz tal impressão, esta se deve à fingida ingenuidade do humor e à simulada inocência do poeta-protagonista.”¹⁸ Pois há aí o travo amargo da autoironia, a nos alertar sobre escrita tão trivial em meio a poema tão romântico; o efeito a que se chega é antes o contrário do prosaísmo – há mesmo uma potencialização das virtualidades líricas do poema. Escutemos ainda outra estância de “Ideias íntimas”:

IX

Oh! ter vinte anos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzela!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave atração de um róseo corpo
Meus olhos turvos se fechar de gozo!

17. AZEVEDO. *Poesias completas*, p. 156.

18. CORREIA. A poesia de Álvares de Azevedo: o drama na cena do cotidiano, p. 318.

Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre meu peito!
Palor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!
Um doce nome os lábios meus suspiram,
Um nome de mulher... e vejo lânguida
No véu suave de amorosas sombras
Seminua, abatida, a mão no seio,
Perfumada visão romper a nuvem,
Sentar-se junto a mim, nas minhas pálpebras
O alento fresco e leve como a vida
Passar delicioso... Que delírios!
Acordo palpitante... inda a procuro;
Embalde a chamo, embalde as minhas lágrimas
Banham meus olhos, e suspiro e gemo...
Imploro uma ilusão... tudo é silêncio!
Só o leito deserto, a sala muda!
Amorosa visão, mulher dos sonhos,
Eu sou tão infeliz, eu sofro tanto!
Nunca virás iluminar meu peito
Com um raio de luz desses teus olhos?¹⁹

A pergunta final desses versos, desesperançada em meio ao silêncio da sala vazia, é ao mesmo tempo marca da incapacidade de admitir de vez o abandono de toda a ilusão. Mas novamente me deixo impressionar pelos versos tão resignados: “Amorosa visão, mulher dos sonhos, / Eu sou tão infeliz, eu sofro tanto!” Há certa coragem aí, em se expor a um duplo ridículo, pois os versos se despem de sua alta temperatura erótica, reconhecem sua banalidade, e tornam essa mesma característica em um apelo mais que pungente ao leitor.

Ao longo da obra poética de Álvares de Azevedo, e aí incluo também o drama *Macário*, encontramos repetidas vezes o uso desse tipo de versos de baixa literariedade, engastados em meio à mais deslavada retórica do exagero romântico. Um anticlímax poderoso, que reequilibra, no âmbito da recepção, a almejada sinceridade poética, como efeito de leitura dos mais eficazes. Pois o “transbordamento espontâneo de sentimentos intensos” não é algo assim tão fácil de configurar nos termos efetivos do poema. É nesse ponto

19. AZEVEDO. *Poesias completas*, p. 156-157.

que caímos de novo, talvez, no que tentamos evitar ao longo deste texto, ou seja, numa discussão formal sobre a natureza da linguagem poética para as teorias expressivas do Romantismo.

A poesia romântica quer ser “expressão espontânea e genuína (...) do estado emocional do poeta” e de maneira alguma expressão “elaborada e simulada – do estado emocional do poeta”.²⁰ Mas como distinguir, no poema, entre as duas maneiras de linguagem poética? Através de sua ligação com o autor, respondem as teorias expressivas – uma linguagem que traduza o interior do poeta, resultante de um processo criativo que sintetize “percepções, pensamentos e sentimentos”²¹ do mesmo, é a mais adequada para a poesia romântica, essa poesia da personalidade. A nossa tentação primeira é buscar na biografia uma prova da veracidade poética. Mas não há como se iludir – é a vida do poema que nos interessa, e a história que ali se conta se faz de elaborações, simulações e mascaramentos.

Os sentimentos turbulentos expressos em um poema a que seu autor chamou “Ideias íntimas”, em indicação clara de seu teor subjetivo e do mapeamento que efetua da interioridade do poeta, são veiculados pela frequente oscilação entre estados críticos e estados relativamente inerciais da linguagem poética. A “verdade” que o poema nos oferece não é algo que se comprove através da leitura do diário ou das cartas do artista. Essa verdade se encontra na constatação de uma mediação inerente a qualquer processo de escrita. Admitir essa mediação, para uma mentalidade romântica, é algo como correr no fio da lâmina, em exercício muito arriscado a que podemos chamar de ironia. Não é à toa que Álvares de Azevedo, em sua consciência por vezes espantosa dos meandros da criação poética, termina seu poema com os versos que teatralizam o reinício da escrita e a suspensão dos estados emocionais, em favor de corriqueiras providências domésticas:

Eu me esquecia:

Faz-se noite; traz fogo e dous charutos
E na mesa do estudo acende a lâmpada...²²

20. ABRAMS. *O espelho e a lâmpada*, p. 145.

21. ABRAMS. *O espelho e a lâmpada*, p. 42.

22. AZEVEDO. *Poesias completas*, p. 159.

Oscillations of the “spontaneous” in Álvares de Azevedo’s poetry.

Abstract: *The concept of spontaneity is problematical to all romantic poetry, which searches for poetic sincerity but has to deal with the artificiality involved in all writing. The present short essay observes the oscillations between rhetorical exaggerated verses and other ones closer to a natural language in one of Álvares de Azevedo’s poems.*

Keywords: *Lyric poetry, Spontaneity, Álvares de Azevedo.*

Referências

ABRAMS, M. H. *O espelho e a lâmpada: teoria romântica e tradição crítica*. Trad. Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas*. Ed. crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Campinas: Ed. Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. Trad., introdução e notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1999.

CORREIA, Marlene de Castro. A poesia de Álvares de Azevedo: o drama na cena do cotidiano. *Poesia sempre*, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, ano 6, n. 9, p. 312-324, mar. 1998.

CUNHA, Fausto. *O Romantismo no Brasil: de Castro Alves a Sousândrade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

WORDSWORTH, William. Prefácio [à segunda edição das *Baladas líricas*]. In: SOUSA, Roberto Acízelo de (Org.). *Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários (1688-1922)*. Chapecó, SC: Argos, 2011.

